

UMA LEITURA DE RETALHOS: VIDAS SECAS NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Mariana Fogaça Marcelo Watanabe, marianawatanabe@terra.com.br

Eliete Jussara Nogueira, eliete.nogueira@prof.uniso.br

Universidade de Sorocaba (UNISO)

RESUMO: Há necessidade de ensinar Literatura como instrumento de emancipação e produtora de pensamento, dessa forma pensar em práticas pedagógicas foi o tema desse trabalho, e teve como objetivo apresentar uma prática pedagógica a alunos do ensino médio, de uma escola estadual do interior de S.P. Como metodologia para este relato de experiência, foi utilizado registros de um diário de campo. O referencial teórico de Bauman, para entender o mundo líquido, Candido e Gonçalves Filho, para a análise da literatura, Freire e Zilberman na relação das práticas. A prática pedagogia relata leituras compartilhadas, leituras de fotografias, documentário, entrevista e leitura dos capítulos, denominada leitura de retalhos da obra Vidas Secas. Os resultados apontaram uma maior participação dos alunos que conseguiram analisar, desde os elementos da narrativa até a intertextualidade da temática literária com os grandes temas da atualidade.

Palavras-chave: Literatura. Práticas pedagógicas. Cotidiano escolar.

A PATCHWORK READING: DRY LIVES IN THE DAILY LIFE A PUBLIC SCHOOL

ABSTRACT: There is a need to teach Literature as an instrument of emancipation and producer of thought, so thinking about pedagogical practices was the theme of this work, and had as objective to present a pedagogic practice to high school students, a state school from a city of SP. As methodology for this experience report, records from a field diary were used. The theoretical reference of Bauman, to understand the liquid world, Candido and Gonçalves Filho, for the literature analysis, Freire and Zilberman in the relation of practices. Practical pedagogy reports shared readings, readings of photographs, documentary, interview and reading of the chapters, called patchwork of the work Vidas Secas. The results showed a greater participation of the students who were able to analyze, from the elements of the narrative to the intertextuality of the literary thematic with the great themes of the present time.

Keywords: : Literature. Pedagogical practices. School daily.

Introdução

“Você é um bicho, Fabiano...”.
Graciliano Ramos.

Das tantas leituras e estudos, reflexões, um texto se destaca, e inspira a reinventar a prática no cotidiano escolar, como professora de língua portuguesa do ensino médio e fundamental II, intitulado como “O direito à literatura” (2013) do autor Antônio Candido, escrito para palestra no curso organizado em 1988 pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo sobre Direitos Humanos. O belíssimo ensaio afirma que a literatura é um direito de todo o ser humano, “reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2013, p.174). As palavras fortes de Candido discorrem que o direito não se limita somente aos bens fundamentais de sobrevivência – comida, instrução, saúde, trabalho e moradia -, mas também a fruição da vida, o sociólogo defende que o acesso a essa arte, compreendida como uma necessidade do ser humano, não pode deixar de ser garantida, “ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2013, p. 177).

O autor reforça que “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”, definindo-a como “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de cultura”. Afirma que a literatura, como “modelo de superação do caos”, é necessária à organização interna do sujeito e à estabilidade social. (Idem, p. 176).

[...] A literatura confirma e nega propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderem sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO,

2013, p.178).

A epígrafe que abre esse trabalho, pertence ao capítulo Fabiano, da obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, e denota a admiração do personagem pela fala bonita dos homens da cidade, traduz o respeito das pessoas humildes ao código culto da linguagem, e a carência dessa linguagem como forma de pertencer a um mundo diferente daquela realidade miserável e seca. Fabiano chega a imitar algumas palavras desse falar culto, mas percebe sua inutilidade dentro do mundo a qual está inserido. Acostumado a falar pouco e mal, ele nota o perigo desse falar difícil que não domina (RAMOS, 1998),

O poder da palavra ou da literatura se institui justamente por ser produtora de conhecimento. Constitui, pela beleza, uma geografia espiritual de encantamento enquanto vai preservando, no homem, valores de cultura – seu lado humanizado. (...) A literatura responde as necessidades sociais e individuais, além de ter uma função necessária, revolucionária na medida em que responde a necessidades específicas de conhecimento e de transformação do mundo. (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 15).

A partir da indigência de privilegiar a Literatura não como ferramenta ou “missão” de aprendizagem “os legisladores da educação evocam a ideia de que, sobretudo a literatura tem a “missão” de civilizar o homem na medida em que vai insinuando melhores formas de vida” (GONÇALVES FILHO, 2000, p.13), e sim com o intuito de exaltar sua importância a partir do que ela é por si só. Se Literatura é um direito (CANDIDO, 2013), e ao homem a quem é negado o direito de falar e escrever, tudo é negado (GONÇALVES FILHO, 2000), reflito que é a partir da palavra, da exaltação da língua, que esse homem se encontra, se acha, se faz, diante de uma divisão do mundo entre oprimidos e opressores, dominados e dominadores, começando a posse a partir da

supressão e usurpação do direito da palavra e da Literatura,

A exigência de um ensino privilegiado da língua tem um duplo significado: primeiro, ao explicitar as contradições sociais, reforça os laços de unidade nacional, pois, pelo ensino da língua, os homens se organizam politicamente apropriando-se de ideias que os situem em condições de superar as contradições; segundo, ao reforçar a diferença, esse ensino institui a identidade nacional perante os outros povos. (GONÇALVES FILHO, 2000, p. 13).

Zygmunt Bauman (2010), ao analisar a transição de uma modernidade “sólida” para uma “líquida”, afirma entre outras questões, que existe a “queda do legislador”. A figura do legislador da modernidade, de uma “era de certezas” e “autoconfiança”, passa a legislar em uma “era de incertezas” e de desconfiança em relação aos valores estabelecidos, ao papel do “sujeito” e ao futuro da história, a queda do legislador é provocada por um mecanismo autodestrutivo próprio da modernidade como projeto, que está em ser um empreendimento humano sem limites e que acaba extrapolando a capacidade humana de assimilar sua própria engenhosidade. A modernidade pagou, dessa forma, o preço de sua ambição.

Acima de tudo, o drama da modernidade deriva da “tragédia da cultura”, da incapacidade humana de assimilar produtos culturais superabundantes ofertados pela criatividade ilimitada do espírito humano. Uma vez postos em movimento, os processos culturais adquirem impulso próprio, desenvolvem sua própria lógica e geram novas realidades múltiplas, confrontando os indivíduos como um mundo exterior objetivo, poderoso e distante demais para ser ressubjetivado” (BAUMAN, 2010, p. 161).

Em consequência da queda, o autor, considera que “O mundo contemporâneo é impróprio para os intelectuais como legisladores” (Idem, p. 197) que diante de uma nova era em que

há a falência da autoridade, acaba por encontrar outros modos, melhores e mais eficientes, de reproduzir e impor seu poder, resultando na passagem do papel dos intelectuais de legisladores para o papel de intérpretes. Da mesma forma podemos analisar o papel do professor de legislador para intérprete, e nesse paradigma foi desenvolvida uma prática no cotidiano escolar, que segue.

Metodologia: Vidas Secas no cotidiano escolar

Numa escola pública do interior de São Paulo, foi possível observar empiricamente, os alunos gostando de ler e discutindo diferentes questões a partir das leituras realizadas. Pela composição da obra de Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, três elementos são integrados naturalmente: o homem, os animais e os objetos da natureza. Essa interação não resulta do acaso, na observação do professor José Luiz Amzalak, a obra *Vidas Secas* é um importante objeto de estudo, e ainda, “(...) aparece claramente como manifestação universal de os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 2013, p. 106). A fragmentação do texto literário “que sugere um estudo do homem” (Idem, p. 106) sugere uma interpretação dirigida a partir dos enunciados que não a exploram como uma obra universal, rica de acontecimentos que provocam o encontro com o signo a força e a potência do pensar.

A obra deve ser lida por inteiro, a fim de estabelecer conexões com o devir, instituir o acolhimento do devir, pensar modos de ensinar literatura, de pensamento, de invenções, aproveitando-se ainda das ferramentas que se tem e fazer delas o devir dos alunos.

De modo geral a proposta do currículo é fragmentada, apresentando obras parcialmente, essa fragmentação foi usada nessa experiência para instituir uma metodologia. Antes da prática da leitura da obra em si, conhecer o contexto, o autor, também faz parte de uma pedagogia que entende que todo conhecimento é sócio histórico, portanto, ao contar histórias aos

alunos, permite que se identifiquem com o autor Graciliano e com Vidas Secas, o que pode aguçar ainda mais a vontade de se aventurar nos capítulos da obra, romance construído quase como quadros destacados que se arranjam sem se integrarem uns com os outros. Uma leitura em retalhos tornou-se uma metodologia para o ensino nas aulas de literatura.

propagação de representações não pode ser ignorado, visto que eles podem influenciar a construção de representações e as atitudes, julgamentos e tomadas de decisões nos receptores das mensagens.

Essa experiência ocorreu com duas turmas de terceiro ano do Ensino Médio (86 alunos), que foram divididos em treze grupos cada turma, mesmo número de capítulos da obra (1-Mudança, 2-Fabiano, 3- Cadeia, 4-Sinha Vitória, 5-O menino mais novo, 6-O menino mais velho, 7-Inverno, 8-Festa, 9-Baleia, 10-Contas, 11-O soldado amarelo, 12-O mundo coberto de penas e 13-Fuga). Cada grupo foi responsável pela leitura do capítulo que lhe foi designado (essa leitura foi feita entre os membros do grupo, horário contrário das aulas, sendo de escolha dos alunos o método que acreditavam mais apropriados).

A obra Vidas Secas, faz parte de acervo público, portanto mesmo com a quantidade na biblioteca não suficiente (apenas três exemplares), os alunos tiveram acesso em arquivos em pdf, que poderiam ser abertos em computadores da própria escola, e ou nos celulares dos alunos, quando não, a impressão dos capítulos era feita com recursos próprios da professora. Ainda foi possível utilizar o acervo digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a obra digitalizada da primeira edição, de 1963, desmistificando o adjetivo “velho” por meio do conteúdo expresso na tecnologia. O que já provocou uma oportunidade de refletir sobre o significado/conceito de Literatura e sua atemporalidade.

A partir da primeira atividade de leitura dos capítulos, cada grupo fez uma produção interpretativa (reconstrução da narrativa) que foi

apresentada oralmente. Concomitante apresentou-se aos alunos, mais um retalho: o trabalho do fotógrafo Evandro Teixeira que reescreveu Vidas Secas por meio de imagens tiradas do sertão nordestino. Em outra aula os alunos assistiram um documentário – “Caatinga vista de um balão” - mais um retalho, realizado pelo Globo Repórter sobre a Caatinga, entre outras pesquisas extras sobre o tema, como forma de avaliarmos o cenário (o lugar) do sertanejo relacionando com as personagens do texto literário, importante momento para compreender a geografia do espaço do romance, item essencial de estudo da obra literária, para a professora e estudiosa, que analisa os elementos da narrativa, Candida Vilares Gancho (2008).

Compreender ainda as intervenções do espaço/ambiente e a intenção da obra literária de usar daquele lugar o meio de reflexão, refletir e discutir os principais apontamentos sejam eles do grupo ou das dúvidas pessoais, discutir os “acontecimentos na fronteira da linguagem”, constituindo assim uma linguagem particular, um devir que ultrapassa o acontecimento provocando um encontro com o signo, a força e a potência para o pensar.

No contexto da exploração do espaço/tempo da literatura Vidas Secas, foram discutidos os fenômenos geográficos da Caatinga como uma floresta; a fonte principal de preocupação das personagens é também a grande temática do livro, a seca. Foi importante também analisar as características físicas e psicológicas dos que lutam contra o meio agreste e procuram a sobrevivência a qualquer custo, o que reflete em seus corpos e em sua alma.

Conforme as discussões e análises aconteciam nos últimos momentos das aulas, praticamente diárias, as inquietações dos próprios alunos quanto ao capítulo de leitura eram imensamente aguçadas pela curiosidade da continuidade da narrativa, e naturalmente cada grupo foi tomando posição na aula e respondendo em na ordem dos capítulos as dúvidas de cada integrante dos grupos. Foi quando a autonomia tomou conta da sala e as discussões começaram a

não mais ocorrer somente no fim das aulas, elas tomavam todos os cinquenta minutos e ainda atravessavam a sala.

Outros temas também foram de importante discussão e foram explorados a medida de cada apresentação de capítulo, por exemplo, a problemática da marginalização social, opressão versus submissão, representado pelo personagem Fabiano, cuidadosamente analisado e estudados pelos alunos a partir dos conceitos da professora Cândida Vilares Gancho em seu livro - Como analisar narrativas.

Foi apresentado em discussão à incomunicabilidade e a incompreensão nas relações familiares, a desumanização das personagens, a importância do homem diante da seca, a revolta contra as injustiças, a solidão do homem. A partir dessas reflexões foi incluído o texto do estudo dissertativo, parte do conteúdo programático, para que os alunos expressassem sua opinião pela escrita.

Da necessidade de argumentar, e integrar as duas turmas que estavam trabalhando a literatura de Vidas Secas, foi realizada uma apresentação um pouco mais formal e oral aos alunos, seminários com datas marcadas com o objetivo de refletir oralmente com as duas turmas. Para tanto, uma sala foi preparada antecipadamente de forma com que os grupos ficassem em círculo, sentados ou em pé, a fim de representar a leitura circular de Vidas Secas.

Para o autor e cronista Rubem Braga, o romance Vidas Secas é um romance desmontável, por causa da independência entre os capítulos, que se assemelham a pequenos contos. Sendo assim o círculo foi sempre formado nas aulas para constituir essa semiótica de romance de caráter desmontável, apresentando uma autonomia em relação aos treze capítulos, não importou a ordem com o qual os alunos contavam os capítulos, a narrativa foi se formando a partir da perspectiva de cada integrante dos grupos. Assim a estrutura da obra pode ser vista como um conjunto de contos ou um agrupamento de capítulos de um romance.

Em um dos momentos das apresentações contamos com mais um retalho, a presença de uma senhora, mãe de uma aluna da escola, ex-moradora de Buíque (PE), região da caatinga, que vivenciou alguns dos conflitos e problemas sociais contextualizados na obra Vidas Secas, de Graciliano Ramos. A visita emocionou a todos com sua vivência, além de responder todas as perguntas dos alunos, fazendo-os lembrar da personagem Sinha Vitória.

A leitura de todos os retalhos da obra literária – Vidas Secas de Graciliano Ramos – teve como prática pedagógica, a utilização de diferentes fontes de informação e representação de diferentes leituras que uma obra literária pode nos proporcionar. Ciente que cada obra literária imprime uma forma de ensino, e que não se esgotam as possibilidades de leitura, essa experiência apresentada teve duração de 10 aulas de 50 minutos, e um envolvimento da professora, numa tentativa de ensino comprometido com o tempo e espaços de aprendizagem que ocorrem no próprio processo de ensinar/aprender.

Resultados

Como resultados desse trabalho, temos: a biblioteca foi mais visitada; os alunos pediam sugestões de leitura à professora; as aulas de literatura adquiriram importância com atividades organizadas pelos alunos e leituras de obras por completo. As avaliações foram feitas a partir das produções dos alunos, orais e escritas com avanços, na formulação, na reflexão do tema/problemática. A Literatura tornou-se importante pelo que ela é e não apenas pela resolução das atividades propostas. Houve ainda um amadurecimento dos textos dissertativos argumentativos já que os argumentos defendidos e ainda as soluções para a problemática do exercício passaram a ser planejadas, pensadas, discutidas e organizadas. Não se escrevia para preencher linhas e sim para defender um pensamento/posição.

Considerações finais

A literatura responde a necessidades específicas de conhecimento e de transformação do mundo por ser um instrumento poderoso de compreensão e ainda como reveladora da humanidade. A palavra que tece/rompe rumos no texto literário propõe reflexão e autonomia de pensamento, até mesmo o mais bronco dos homens percebe o poder modificador, o personagem Fabiano, que reduzido à condição de bicho tem sua inteligência retardada e seu poder de linguagem restrito a sons guturais.

A palavra instaura em nós a beleza de uma aventura, mesmo com derrota eminente, já que conduz o homem para o pensar, e liberta da condição de Fabiano. Essa Literatura, transformadora do caos e produtora de conhecimento, levou (e ainda leva) aos alunos instrumentos de pensamento, instrução e reflexão, dando subsídios, ferramentas, equipando-os de argumentos e questionamentos, e por que não de sonhos.

As personagens de Vidas Secas com esse ensino experiência possibilitou levar os alunos a pensar em suas próprias realidades e não apenas na resolução de exercícios fragmentados que compõem o currículo ou as questões dos vestibulares das universidades e dos programas de seleção dos cursos técnicos da região.

Um aluno, que vivia andando pelos corredores, e que “ninguém dava jeito”, passou a entrar em minhas aulas apenas para ouvir. Leu muito pouco, não participava das atividades em grupo, mas nos dias de apresentação dos seminários propostos, sem me perguntar se podia, ajudava-me a organizar as salas para as apresentações, testava os microfones, ouvia a apresentação dos outros, gostava de fazer parte, do jeito dele, mas sempre estava lá. Sabia contar todos os livros de trás para frente, como ele mesmo me dizia. Em uma de nossas últimas aulas, ele discordou do autor de Vidas Secas sobre o destino das personagens, disse que para ele a narrativa não se encerrava com a família voltando a caminhar pela seca do Sertão, mas que tinham conseguido sair

de suas difíceis realidades e que Fabiano realizou seu sonho, assim como eles agora, sabiam, que tinham condições de lutar pelos seus. (...) (Professora de retalhos).

Referências

AMZALAK, José Luiz. *Literatura* Fuvest/Unicamp 2013 a 2015. Navegar Editora, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e Interpretes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CANDIDO, Antonio. *Tese e Antítese*. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2012.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: . *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2013. p. 171-193.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FILHO, Antenor Antônio Gonçalves. *Educação e literatura*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

RAMOS, Graciliano *Vidas Secas*. 74. ed. São Paulo: Record, 1998.